

Passeios na Ilha. Divagações sobre a Vida. Carlos Drummond de Andrade
Organizações Simões, 1951.

No relato da viagem a Ouro Preto, incluído em *Passeios na Ilha*, vemos o viajante deter-se, em dado momento, diante das ruínas do Morro da Queimada, onde, diz ele:

A imaginação histórica reconstituirá, por certo [...] o cenário onde se localizou um fato econômico, seguido de um tragédia política. Mas essa será apenas um ponto de partida para a imaginação literária, de pungente meditação sobre a poesia das ruínas. Descanse o leitor: não o faremos. Passei apenas alguns momentos por esses ermos frios, de uma tristeza severa. Aqui as ruínas dominam as formas compostas do que lá embaixo, no seu encanto sinuoso, é a cidade. Galgam a escarpa, vão infatigavelmente à procura do céu, e adquirem uma espécie de monumentalidade negra, comburida, que nos oprime. Não têm a doçura um pouco vaporosa das ruínas românticas, de que o começo do século XIX impregnou a visão de velhos jardins, com suas colunas a beira-lago. São ásperas, cruéis, e se não vêm seguramente daquele dia de julho de 1720, em que a soldadesca do Conde de Assumar ateou fogo no arraial de Ouro Podre, pois Diogo de Vasconcelos alude a um arraial ali construído posteriormente e que por sua vez se converteu nesses escombros, não são por isso menos acerbas. Alguma coisa selvagem, própria da natureza, se incorporou aos pedaços de paredes, muros e corredores de pedra, remanescentes de técnicas primitivas de mineração, e que se estendem por um espaço não suspeitado a primeira vista. Sucessivas plataformas e dobras de morro ostentam restos de construções, aparentemente sem outro qualquer vestígio de presença humana. Em vão o olhar procura descobrir um desses humildes objetos que assinalam a vida de todos os dias, mediadores entre o homem e a natureza. Aqui havia casas, mundéus, ferramentas e vidas. Não há mais nada senão pedras negras, vegetação rala, musgo, flores insistentes que rompem de qualquer jeito.

15. Ver, a respeito, Willi Bolle, "A Modernidade como *Trauerspiel*. Historiografia Alegórica em Origem do Drama Barroco Alemão", *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, op. cit., pp. 105 - 137.

16. Para a vigência de concepção similar no quadro da modernidade, veja-se ainda o estudo de Davi Arrigucci sobre idêntica relação entre história e natureza no belíssimo poema de Murilo Mendes, "As Ruínas Selinunte", ao qual me reportarei mais adiante.

"... ai, pareciam eternas!

[...]

Ai, como morrem as casas!
Como se deixam morrer!

Minhas casas fustigadas!

...

meus passos de telha vã
estão úmidos e humildes."

Morte das casas de Ouro Preto

Carlos Drummond de Andrade